

I COLÓQUIO CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Livro de resumos

Índice

Mesa 1 – Interartes

Repensar a fidelidade: a adaptação no quadro das relações interartes

Eduardo Nunes.....4

A língua na adaptação cinematográfica de obras das literaturas africanas lusófonas

Sandra Fernandes dos Santos.....5

A intermedialidade n'Os Maias de Eça de Queirós

Elaine Cristina de Jesus Santos.....6

“E era um teatro, era um filme, era a dança ainda perto da origem”: Manuel Gusmão e Pina Bausch

Sofia Mota Freitas.....7

Mesa 2 – Espaço

Périplos e peregrinações: as linhas de força das primeiras narrativas de viagens portuguesas

Daniel Cruz Fernandes.....8

Lisboa revisitada: o mapa cultural representado no romance O ano da morte de Ricardo Reis

Juliana Santos Menezes.....9

Mesa 3 – Identidades

A nova poesia brasileira e a fenda no bloqueio do sistema literário hegemônico

Manuella Bezerra de Melo.....10

A caridade e a ética: as relações entre a pobreza e a riqueza nos Contos Exemplares

Nathália Macri Nahas.....11

Dialogando com Rami: a voz feminina na obra Niketche: uma história de poligamia

Patrícia Leonor Martins.....12

Literatura e identidade em Noite vertical de Zetho Cunha Gonçalves e Como veias finas na terra de Paula Tavares

Salvador B. D. Tito.....13

Mesa 4 – Personagens

A personagem do romance português do século XXI

Isabel de Jesus Rato Garcez.....14

Em busca de uma história da heteronímia na literatura portuguesa: caminhos e reflexões

José Vieira.....15

Literatura, (des)construção de mitos e (re)criação da memória: figuras do passado medieval reescritas na contemporaneidade

Marta Luísa Pires Perpétua.....16

Mesa 5 – Memória

Papéis da prisão, de Luandino Vieira: ensaio de narrativa documental

Ana T. Rocha.....17

A memória coletiva aglutinada no romance contemporâneo: (re)construindo identidades em Chico Buarque e Mia Couto

Ari Silva Mascarenhas de Campos.....18

No exílio, de Elisa Lispector: quando a literatura é muito mais que literatura

Mònica López Bages.....19

Negritude e Pan-africanismo da Présence Africaine à Mensagem: um roteiro da circulação de ideias e impressos (depois de 1945)

Noemi Alfieri.....20

Mesa 6 – Campo literário

Machado de Assis para alunos do Ensino Médio: propostas didáticas

Antonia Claudia de Andrade Cordeiro.....21

Impresso na tipografia da Viúva Roma: circulação e produção de impressos em meados do século XIX no nordeste do Brasil

Carolina de Toledo Braga.....22

A Literatura Africana na imprensa cultural portuguesa (1953- 1959)

Elizabeth Olegário Bezerra da Silva.....23

As antologias como meio de divulgação da poesia de língua portuguesa

Maria do Rosário Monteiro Palmela.....24

Mesa 7 – Linguagens

Grandes Sertões Veredas: e.vocar, in.vocar, com.vocar monstros

André Feitosa de Sousa e Berta Lúcia Neves Ponte.....25

A língua como um problema crítico em Paulo Leminski: recusa e exaltação

Keissy Carvelli.....26

O recado do morro: o pequeno milagre do reconhecimento	
Maria Schtine Viana	27

Mesa 8 – Poéticas

<i>Poéticas algorítmicas: desafios na construção de uma tese</i>	
Ana Marques	28
<i>Emergências narrativas: proposta de uma leitura transmodal em poemas</i>	
Raquel Brandão Sêrro	29
<i>A ironia como força motriz do pensamento na poética de Luís Quintais</i>	
Maísa Andrade	30

***Repensar a fidelidade:
a adaptação no quadro das relações interartes***

Eduardo Nunes

emdiogonunes@ua.pt

Programa Doutoral em Estudos Literários

Universidade de Aveiro

Embora insistentemente rebatida por muitos – de tal modo que a sua rejeição preliminar se tornou, a certo ponto, uma convenção da escrita científica sobre adaptações (cf. Murray, 2008) –, a questão da fidelidade sempre (re)surge quando nos propomos investigar a prática adaptativa. Na medida em que, nesse contexto, se pretende estudar uma adaptação como tal (i.e., na sua relação com o texto adaptado), assim autorizando e requerendo a adoção de uma perspetiva comparativista, a aferição da fidelidade de um trabalho adaptante em relação ao texto que ele transpõe acaba por ser inevitável, mesmo quando não é esse o objetivo da pesquisa. Também por essa razão se trata de um debate antigo e iniludível no campo dos estudos de adaptação. Contudo, outros fatores parecem contribuir para a sua atualidade e cíclico ressurgimento (veja-se, por ex., como MacCabe, Murray e Warner, 2011, advogam a sua pertinência). Entre eles, nomeadamente, conta-se a dificuldade ainda hoje sentida de situar a adaptação no quadro amplo das relações interartísticas em que a literatura participa ou pode participar. Em particular, importa então interrogar por que razão a questão da fidelidade se coloca sobretudo às adaptações e não (ou, pelo menos, não tão insistentemente) a outras práticas interartes. Começando, pois, por dilucidar o que aproxima e distancia essa prática interartística (e, por isso, intertextual e intermediática) de outras em que a literatura também se vê envolvida, propõe-se refletir sobre a natureza da fidelidade, quer enquanto eventual critério avaliativo das adaptações, quer enquanto efeito secundário da metodologia que por norma orienta o estudo do fenómeno adaptativo.

A língua na adaptação cinematográfica de obras das literaturas africanas lusófonas

Sandra Fernandes dos Santos

santossandra@yahoo.com

Mestrado em Estudos Artísticos

(especialização em Estudos Fílmicos e da Imagem)

Universidade de Coimbra

Na sua origem, o cinema foi buscar a sua linguagem a outras artes já existentes – a fotografia, a pintura, a literatura, o teatro de variedades – obrigando a uma interdisciplinaridade na sua pesquisa. Para a compreensão dos processos criativos, tem-se recorrido cada vez mais ao uso da prática como base metodológica, mas a prática como investigação (Practice-Led Research) num projeto de adaptação requer ainda assim um suporte teórico, do qual apresentaremos um excerto.

Apesar do mito da oralidade, no continente Africano tem havido também uma estreita relação entre cinema e literatura, sendo o escritor e realizador Ousmane Sembène considerado por muitos como o "pai" do cinema africano. Segundo Ngũgĩ wa Thiong'o, se no que ele considera de literatura africana eurocêntrica, até os camponeses e trabalhadores, falantes de línguas africanas legítimas, são obrigados a falar línguas europeias, terá sido no cinema africano que o personagem africano recuperou a sua linguagem. Mas a produção, receção e distribuição de uma obra cinematográfica são diferentes da de uma obra literária, sendo os seus públicos-alvo também distintos.

Nas adaptações cinematográficas das décadas de 1970-80, a partir de obras lusófonas de escritores africanos, o povo frequentemente fala em línguas africanas (mesmo que não o faça na obra literária original) mas, a partir da criação da CPLP em 1996, procurando tomar partido das possibilidades de coprodução e de distribuição num mercado mais amplo, a língua portuguesa irá predominar nas adaptações cinematográficas, levando por vezes à criação de uma variante híbrida do português.

Nesta comunicação iremos abordar, ainda que sumariamente, algumas adaptações cinematográficas de obras de escritores africanos em língua portuguesa, feitas por realizadores de três continentes, em épocas e contextos históricos distintos e de obras provenientes de diferentes géneros literários (conto, recolha oral, romance e poesia), levantando questões relacionadas com a escolha da língua e variações linguísticas.

A intermedialidade n'Os Maias de Eça de Queirós

Elaine Cristina de Jesus Santos

elainessantos.prof@gmail.com

Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

O presente trabalho faz parte de um projeto de tese em desenvolvimento pela Universidade de Coimbra e tem por objetivo a análise da obra *Os Maias*, de Eça de Queirós, sob a ótica da intermedialidade. O termo intermedialität surgiu em 1983 nas investigações acadêmicas alemãs por Aage A. Hansen-Löve. Podemos dizer, portanto, que este é um campo de investigação ainda recente e, por isso, nosso interesse de estudo. A intenção é investigar as relações existentes entre a literatura e demais artes, com destaque para a pintura e o cinema. Nossa pesquisa busca retratar essa superação de fronteiras entre linguagem escrita e outros campos mediáticos, partindo dos estudos interartes. Na obra em questão, pelo modo como a narrativa se dá, permite ao leitor a criação visual de imagens e formas muito detalhadas, como se Eça quisesse criar episódios cinematográficos ainda em uma época que não conhecia o cinema. As diferentes perspectivas narrativas, ora focada no narrador, ora nas personagens, possibilitam-nos visualizar, por ângulos variados, as cenas descritas e os episódios apresentados. Além disso, o modo como ele projeta as descrições dos ambientes, faz com que as palavras ganhem formas visuais e passe pela experiência dos sentidos, o que possibilita a criação de episódios que ganham plasticidade. Parece que o autor prevê essa necessidade da junção de imagem, som e movimento para compor a sua história, como se convocasse outras artes para complementar a literatura. Sendo assim, nosso objetivo é comprovar esse caráter plurimediativo presente n' *Os Maias*.

“E era um teatro, era um filme, era a dança ainda perto da origem”:

Manuel Gusmão e Pina Bausch

Sofia Mota Freitas

sofiamotafreitas@gmail.com

Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos

Universidade do Porto

Este trabalho – que se insere no âmbito do projeto de doutoramento *Representações da Dança na Poesia Portuguesa do Século XX* – procura investigar a produção literária de Manuel Gusmão sob a perspectiva interartística e intermedial da dança. A dança apresenta-se a Manuel Gusmão como uma outra forma de dizer o tempo e a sua passagem, por isso é que o cinema e a dança, a par com a música, convivem lado a lado em grande parte da sua poesia. Desta forma, pretende-se relacionar o método de montagem das coreografias de Pina Bausch com a construção imagética de Manuel Gusmão. De facto, o objetivo é demonstrar como Manuel Gusmão dialoga interartisticamente com o *tanztheater* de Pina Bausch e serão postas em relevo as qualidades cinemáticas das obras dos dois artistas. Manuel Gusmão interessa-se por pequenos gestos ou movimentos da rotina diária e amplia-os, focando-se em certas emoções provocadas por eles. Pina Bausch partilha este método composicional com o poeta português, uma vez que a sua forma de criação se baseia em lançar perguntas ou frases – como “o último raio de sol” ou “o que se pode fazer com a mão?” – aos seus bailarinos e esperar que eles respondam com palavras ou movimentos. É reunindo as respostas deles, num trabalho de colagem e montagem, que nasce a sua obra coreográfica. Tendo como principal objetivo estudar a relação interartística entre a literatura e a dança, pretende-se, assim, colocar em evidência preocupações estéticas comuns entre Manuel Gusmão e Pina Bausch.

***Périplos e peregrinações:
as linhas de força das primeiras narrativas de viagens portuguesas***

Daniel Cruz Fernandes

danielcruz.danielcruz@gmail.com

Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

Uma narrativa de viagem pode ser definida, em linhas gerais, como o relato de uma experiência de deslocação física (ou mental), disposto por elementos facilmente identificáveis nessa prática de escrita: discurso predominantemente descritivo voltado para imagens da fauna, da flora e da cultura local, sobre uma arquitetura vetorial de medição do espaço e do tempo. Contudo, sob um ponto de vista teórico, são divergentes as leituras críticas que a definem como um gênero literário. Por um lado, observa-se uma contraposição entre o que seria apenas o tema da viagem na literatura (Rueda, 1995; Seixo, 1998) e uma genologia compósita, mas singular. Por outro, tal hibridismo – fluido entre cartas, diários de bordo, excertos hagiográficos, etc. – é lido justamente como a impossibilidade de um enquadramento preciso sob a forma de um gênero literário (Borm, 2004), reconsiderando, assim, o tema da viagem como a unidade de tais textos.

Partindo dessa problemática, proponho nesta comunicação uma leitura diacrônica das narrativas de viagens, pensada a partir das linhas de força originadas das estratégias discursivas dos périplos da Antiguidade e do prisma das expectativas espirituais das primeiras peregrinações cristãs. Com essa proposta, procuro apresentar novos elementos para a compreensão das bases constitutivas das primeiras narrativas de viagens portuguesas, principalmente no que tange à construção do espaço geoliterário, transitivo entre a ficção e a realidade.

Lisboa revisitada:
o mapa cultural representado no romance O ano da morte de Ricardo Reis

Juliana Santos Menezes

jumenezes2@hotmail.com

Doutoramento em Estudos Portugueses

Universidade Nova de Lisboa

Este trabalho se propõe a discutir o romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), obra saramaguiana que engloba questões socioculturais, históricas e geográficas, oferecendo temas que contextualizam o espaço e os personagens e contribuem para a construção do imaginário de Lisboa. Assim, busca evidenciar o espaço ficcional e a imagem da cidade, relacionando a configuração da trama narrativa com o modo com que o personagem Ricardo Reis percebe o espaço urbano e vive nele. Nessa perspectiva, o estudo parte da ideia de que o caos interno do poeta e a sua incapacidade em se reconhecer e se encontrar naquele lugar são refletidos na maneira com que ele contempla a cidade e tenta reagir diante do caos externo, consequência da pequenez do país frente aos problemas do cenário europeu da década de 30. Ao longo do livro, Ricardo Reis revisita Lisboa e, como um *flâneur*, perambula pelas ruas labirínticas, reflete sobre os acontecimentos históricos que os jornais apresentam e vive o dilema de querer sair da contemplação e agir. Esse contexto corrobora para a construção da imagem de Lisboa, como uma cidade sombria, cinzenta, triste e incapaz de se desvencilhar da política salazarista. Desta forma, pretende-se estudar a representação literária da capital portuguesa, marcada geograficamente, com referências a bairros, ruas e monumentos, relacionando-a com os dramas vivenciados por seu personagem principal no complicado ano de 1936, construindo um mapa cultural que pode ser interpretado numa perspectiva tanto física quanto social e histórica.

Mesa 3 – Identidades

A nova poesia brasileira e a fenda no bloqueio do sistema literário hegemônico

Manuella Bezerra de Melo

manuellabmm@gmail.com

Doutoramento em Modernidades Comparadas

Universidade do Minho

A Constituição Cidadã de 1988 trouxe ao Brasil um período de normalidade democrática que proporcionou um cenário adequado a uma conciliação de classes inédita. Este episódio alterou em algum grau a rotina de opressões estabelecida desde o período oficialmente colonial, democratizando espaços de uso historicamente destinados às elites econômicas. Dentre as iniciativas então adotadas, pós década de 90, o estabelecimento de um sistema de cotas facilitou a formação de intelectuais cujo perfil era dissonante. Esta condição alcançou a produção literária e, no campo da poesia, gerou respostas importantes no tempo histórico que viria em seguida, o crescimento da lógica fascista global que atingiu o Brasil de forma vigorosa. Este trabalho pretende investigar a nova poesia brasileira e seu empenho na construção de narrativas de resistência destas vozes dissonantes assim como a importância da sua ação em bloco para gerar uma fenda no bloqueio do campo de força do sistema literário hegemônico.

A caridade e a ética:
as relações entre a pobreza e a riqueza nos Contos Exemplares

Nathália Macri Nahas

nathalia.nahas@gmail.com

Doutoramento em Literatura Portuguesa

Universidade de São Paulo

A presente leitura propõe uma análise comparativa de dois contos da escritora Sophia de Mello Breyner Andresen extraídos do livro *Contos Exemplares* no que tange às relações de classe expostas. No primeiro conto, “O Jantar do Bispo”, temos a especial ocasião de um jantar para um homem importante misterioso que aparece para influenciar as decisões do dono da casa em relação ao pároco da aldeia local. Ao mesmo tempo em que o jantar decorre, a presença de um estranho pedinte faz o leitor perceber extremos da riqueza e da pobreza, envolvidas em atos de caridade que são apenas para se manterem as aparências. No conto seguinte, “O Retrato de Mônica”, a temática da caridade é novamente abordada, porém diante de um círculo especial da sociedade: a alta burguesia e os homens políticos. Mônica, cujo retrato é esboçado ao longo do enredo, representa mulheres da alta sociedade que pretendem, através de seus atos de caridade, sustentar uma nobreza de caráter que se baseia apenas nas aparências. Nesse sentido, buscamos analisar como a questão de doar aos pobres é analisada nos contos como parte de um desvio de ética ligado às classes superiores. Nesse âmbito, verifica-se influências distintas na escrita de Sophia Andresen, como a doutrina cristã e elementos do marxismo, que constroem uma aguda crítica à sociedade portuguesa do período salazarista.

Dialogando com Rami:
a voz feminina na obra Niketche: uma história da poligamia

Patrícia Leonor Martins

patyleonormartins@gmail.com

Doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit)

Universidade Federal de Santa Catarina

O texto por ora apresentado trata-se de um ensaio sobre a obra *Niketche: uma história da poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Nele, apresenta-se a obra e retrata-se a escritora Paulina Chiziane, que nasceu em 1955, mulher negra e proveniente da província de Gaza, Sul de Moçambique, região que é descrita como um local onde a cultura patriarcal está arraigada em suas origens. A própria autora descreve o Sul conservador dos costumes coloniais. Em seguida, faz-se uma breve análise da personagem Rami, na qual a voz da mulher se apresenta a partir de um olhar sobre o feminismo africano. Rami, personagem principal do romance *Niketche: uma história da poligamia*, reforça a percepção de que a escritora escolhe a condição feminina como tema para os seus romances. Autores como Walter Benjamin, João Manuel de Oliveira, Catarine Clément, Julia Kristeva e Chimamanda Adichie estão presentes na discussão.

***Literatura e Identidade em Noite vertical de Zetho Cunha Gonçalves e
Como veias finas na terra de Paula Tavares***

Salvador B. D. Tito

salvadortito2009@hotmail.com

Doutoramento em Literaturas de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

Rede de Investigadores Angola Network Research

Apesar da sua aceção complexa, pretende-se neste estudo abordar a discussão sobre a identidade em duas obras literárias. A primeira, *Noite vertical* de Zetho Cunha Gonçalves e, segunda, *Como veias finas na terra* de Paula Tavares, ambos escritores angolanos. O escopo fulcral é destrinçar o dinamismo que entrelaça os processos identitários e os textos literários dos dois autores. Quanto ao teor metodológico, o método é o comparativo. Baseando-se em duas teorias: o pós-estruturalismo e a semiótica contextual. Por uma questão de delimitação, foram retirados cinco poemas de cada obra literária; tendo-se, deste modo, um *corpus* de dez poemas. Portanto, augura-se que este estudo seja mais um contributo para a teorização da literatura angolana.

Mesa 4 – Personagens

A personagem do romance português do século XXI

Isabel de Jesus Rato Garcez

isabelgracez66@gmail.com

Doutoramento em Literaturas de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

O presente projeto de investigação tem como objetivo o estudo da personagem em textos narrativos ficcionais portugueses do século XXI, nomeadamente tendo em atenção mutações periodológicas, histórico-culturais e ideológicas. Pretende-se contribuir para a teoria e a história da personagem, segundo orientações metodológicas e epistemológicas dos estudos narratológicos pós-clássicos e, complementarmente, apelando a contributos de outros campos do saber, como estética, história ou sociologia. Este estudo contemplará a vertente comparatística, tanto com textos da mesma época como de um alargado leque de autores e de épocas, com o propósito de reformular sentidos, reelaborar tipos e estabelecer novos e inovadores cruzamentos temáticos, partindo da reinterpretação de emblemáticas personagens e obras da história e da literatura. Serão também tidos em conta os estudos intermediais, dado que esta geração de escritores é particularmente adepta de cruzamentos com outras linguagens artísticas – principalmente, cinema, teatro ou ilustração – e com outros suportes, com destaque para os digitais. Assumir como objeto de estudo um corpus que está ainda a ser construído é um grande risco científico, mas, se tanto da receção literária está nas mãos do mercado, neste atual contexto das indústrias culturais e criativas, talvez seja também função da investigação contribuir para a elevação dos níveis da literacia estética dos leitores atuais, contribuindo para a divulgação esclarecida do que está agora a acontecer no meio literário de determinada comunidade.

***Em busca de uma história da heteronímia na literatura portuguesa:
caminhos e reflexões***

José Vieira

jose-cvieira@outlook.pt

Centro de Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra)

A proposta de comunicação que apresentamos terá como objetivo expor os caminhos adotados durante a escrita da nossa tese de doutoramento, intitulada *A Escrita do Outro. Mentiras de Realidade e Verdades de Papel*.

Tendo em consideração que o propósito desse trabalho foi apresentar uma proposta de história da heteronímia na literatura portuguesa, foi necessário elencar um corpus de personagens literárias anteriores àquelas criadas por Pessoa, partindo sempre das características enunciadas pelo autor de *Mensagem* para a criação de um heterónimo: a) nome diferente; b) biografia alternativa; c) escrita literária única.

Deste modo, não só foi possível apresentar os sintomas de heteronímia anteriores à galáxia pessoana, como também se tornou evidente que estes poderiam ser encontrados depois da morte do poeta, como ficou evidente na obra *Tiago Veiga. Uma Biografia*, de Mário Cláudio. A juntar às características enunciadas por Pessoa, surgiram a necessidade de estar em viagem e em constante movimento como reflexos de um sujeito em constante fuga de si próprio, seja por meio da imagem do turista ou do vagabundo, Zygmunt Bauman *dixit*.

Assim, os caminhos de investigação realizados passaram pelo crivo da história literária, da crítica literária, mas também da sociologia, da psicologia e da filosofia, uma vez que a questão da heteronímia está intimamente ligada à problemática do sujeito, da identidade e do sentido das coisas.

***Literatura, (des)construção de mitos e (re)criação da memória:
figuras do passado medieval reescritas na contemporaneidade***

Marta Luísa Pires Perpétua

martaperpetua@live.com.pt

Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

Nesta comunicação pretende-se abordar o contributo da Literatura para a construção de mitos e para a (re)criação da memória. Figuras e acontecimentos, 'reescritos' ao longo dos séculos, vão-se transformando em símbolos e corporizando valores basilares construtores da memória de um povo: há os mártires, há os guerreiros, há os estrategas, entre tantas outras categorias. Muitos são os construtores da portugalidade, pessoas de carne e osso que ganham novas existências através da criação literária: Afonso Henriques, Inês de Castro, Leonor Teles e Nuno Álvares Pereira são entidades que ultrapassaram a condição humana e atingiram o patamar dos heróis.

Com efeito, a Literatura reescreve em muitas ocasiões a História, enaltece em casos vários a ação de determinadas figuras e chega a preencher os vazios deixados pelas fontes documentais. Aliás, desse ponto de vista pode afirmar-se que o mito tem o poder de adornar e até adulterar o facto histórico, potenciando, desta forma, a manipulação da memória. Assim, é nosso propósito, partindo de uma perspetiva diacrónica, acompanhar as diversas etapas da criação de um mito: desde a sua origem à sua evolução e/ou recriação na contemporaneidade. Os cronistas medievais deram o mote e, durante séculos, poetas e romancistas revisitaram textos que, numa dinâmica criativa, reescreveram, ficcionaram e desconstruíram, muitas vezes pelo recurso à paródia, a imagem mitificada de figuras da nossa História. Pretendemos, pois, a análise do mito na sua origem para depois o visitar numa dimensão de continuidade ou rutura na contemporaneidade. Trata-se em grande medida de determinar as formas, os fundamentos e o alcance da modelação, pela reescrita, de figuras de um passado icónico que se metamorfoseiam pela mão de autores que, apesar de tudo, não perdem de vista aquele mesmo passado.

Mesa 5 – Memória

Papéis da prisão, de Luandino Vieira: ensaio de narrativa documental

Ana T. Rocha

ana.t.rocha26@gmail.com

Centro de Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra)

Testemunhando os anos de cárcere do escritor angolano José Luandino Vieira, o *Papéis da prisão* testemunha, igualmente, um momento-chave da História de Angola, isto é, a luta de libertação que pôs fim aos anos do colonialismo português e fez nascer uma nova nação independente em África, através da realidade vivida pelo prisioneiro político ligado a um movimento nacionalista. Nesta exposição, intitulada “*Papéis da prisão*, de Luandino Vieira: ensaio de narrativa documental”, é nossa pretensão verificar de que modo o contexto histórico-(micro)social determinou a forma de expressão e a forma de conteúdo do livro em análise e sua especificidade, que tentaremos descrever e classificar no respeitante ao seu género literário. Pelo “teor testemunhal” dos *Papéis*, iremos, depois, avaliar o modo como este diário de prisão, composto por fragmentos de textos de natureza diversa, pode constituir documento e fonte historiográfica. Da análise das partes e da compreensão da coesão do conjunto traçaremos o esquema que distinguirá a produção escrita testemunhal, consequente das catástrofes, violências e totalitarismos do século XX, procedendo, para tal, à comparação dos *Papéis* com outras produções escritas testemunhais suas contemporâneas, numa abrangência que excederá os contornos fronteiriços angolanos e africanos.

***A memória coletiva aglutinada no romance contemporâneo:
(re)construindo identidades em Chico Buarque e Mia Couto***

Ari Silva Mascarenhas de Campos

professorarimascarenhas@gmail.com

Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

Essa comunicação tem como objetivo apresentar o andamento da pesquisa que tem como objeto a análise comparada de três romances de Chico Buarque e três de Mia Couto, iluminando o papel da memória na (re)configuração de um imaginário individual e coletivo. Examinaremos o romance como gênero aglutinador da memória coletiva, apresentando-se como espaço profícuo para a crítica, resistência e transformação. Trata-se de uma análise que visa a importância da literatura para a formação de um inconsciente coletivo que fomentará “novas memórias”, “novos discursos” e “novas narrativas”. Tais processos atendem aos métodos de identificação e concepção de um “novo sujeito” protagonista da própria história, formado em acordos e litígios com as memórias do passado e nas construções de identidades pós-modernas e pós-coloniais; depreendê-los se faz essencial para reconhecer a relevância da literatura contemporânea que consubstancia uma nova identidade no Brasil e em Moçambique.

**No exílio, de Elisa Lispector:
quando a literatura é muito mais que literatura**

Mònica López Bages

monica.lopez@urv.cat

Mestrado de Ensino de Português como Língua Estrangeira
Universidade de Estremadura / Universidade Rovira i Virgili

No Exílio (1948) de Elisa Lispector é um relato memorialístico da fuga da família Lispector (de origem judaica) de Ucrânia depois de sofrer a perseguição dos pogroms, assim como do processo de adaptação ao Brasil e dos acontecimentos histórico-políticos que afetaram os judeus durante a primeira metade do século XX.

Traços sobre este exílio familiar são vislumbrados na biografia e nas crônicas da sua irmã Clarice, e na correspondência entre as irmãs. Contudo, *No Exílio* reflete de forma intensa essa deslocação, pelo que é um testemunho excepcional de uns acontecimentos históricos e uma fonte de revelação de sentimentos íntimos de uns emigrantes judeus.

O objetivo desta investigação é reivindicar a figura de Elisa Lispector como uma escritora importante no desenvolvimento da literatura judaica escrita em língua portuguesa por vítimas da perseguição judia.

No Exílio, como *O Diário de Anne Frank*, é uma válvula de escape, uma escrita literária produzida por alguém forçado a praticar arte para aguentar fisicamente e psicologicamente umas circunstâncias históricas, sociais e políticas. A expressão artística sobrevém no choque entre a vida pessoal e as circunstâncias vitais, que não só são contadas e interpretadas, mas também sobrelevadas. Neste caso é indiferente o estilo ou o gênero literário em que o texto está escrito: o importante é a vida e a autenticidade que ressumam desse texto.

Durante quase meio século XX os judeus tiveram de fugir para não acabar em campos de concentração e extermínio. A Humanidade ainda não é capaz de compreender porque isso aconteceu. Então é preciso analisar as mostras artístico-literárias sobrevidas dessa experiência e vindicá-las. *No Exílio* é um entrecruzamento de relato objetivo, de subjetividade e de recreação literária, pelo que a sua análise tem de ser feita não só do ponto de vista literário, mas também dum ponto de vista interdisciplinar que junte conceitos de Literatura, História, Psicologia, Sociologia e Antropologia.

***Negritude e Pan-africanismo da Présence Africaine à Mensagem:
um roteiro da circulação de ideias e impressos (depois de 1945)***

Noemi Alfieri

noemialfieri@fcsh.unl.pt

CHAM-NOVA FSCH (Universidade Nova de Lisboa)

A contribuição tem o objectivo de traçar, a partir de uma perspetiva decolonial, um dos roteiros possíveis da circulação das ideias negritudinistas e pan-africanistas e dos impressos que as veiculavam entre a África e a Europa depois da Segunda Guerra Mundial. Destacar-se-á o papel das revistas *Présence Africaine* e *Mensagem*, por entender-se que tais revistas foram representativas dos contrastes e tensões da época, assim como das disparidades geradas pela dominação colonial e as suas consequências em âmbito de produção e fruição cultural. Partindo do pressuposto que um roteiro representa um dos caminhos possíveis da circulação de pessoas, impressos e ideias, as conexões apresentadas querem ser um ponto de partida para pensar as características e os desequilíbrios de tais circulações. Podem, ao mesmo tempo, refletir as dificuldades em mapear alguns dos caminhos que estes impressos percorreram: as ausências revelam a forma em que os arquivos em que os textos são armazenados, preservados e catalogados foram organizados, de acordo com a ideia do conhecimento como produto ou, ainda, testemunhando a utilização do espaço como lugar de exercício do poder (QUIJANO, 2019).

Mesa 6 – Campo literário

Machado de Assis para alunos do Ensino Médio: propostas didáticas

Antonia Claudia de Andrade Cordeiro

accacordeiro@hotmail.com

Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o ensino de Machado de Assis e, de forma específica, de seus contos, em quatro Institutos Federais da Bahia, em cursos da educação profissional técnica de nível médio. Busca-se conhecer como Machado de Assis era (e é) ensinado no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Intenta-se requalificar o ensino de Machado de Assis, tomando como ponto de partida a sua contística. Parte-se do pressuposto de que o ensino de Machado de Assis a partir de suas narrativas breves permite compreender, de forma mais fluida, determinadas características da escrita machadiana e recursos utilizados pelo escritor, indispensáveis para a compreensão da sua obra em contexto didático. Este trabalho adota o seguinte trajeto metodológico: pesquisa bibliográfica sobre o ensino da literatura, a formação do leitor, o ensino da literatura no Brasil; análise da história do ensino de Machado de Assis em instituições de Ensino Médio do Brasil; reflexão sobre o que propõem os documentos oficiais para o ensino da literatura no Brasil; análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa e reflexão sobre os aspectos cobrados pelo ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio e pelos exames vestibulares de faculdades públicas e privadas da Bahia acerca da obra machadiana. Além da pesquisa bibliográfica, será realizada uma pesquisa de campo sobre como Machado de Assis está sendo ensinado nos Institutos Federais da Bahia, através de entrevistas semiestruturadas (incluindo realização em plataforma digital: conversa via whatsapp ou skype) com os professores da referida disciplina, e da análise dos seguintes documentos: ementas da disciplina e planejamentos escolares, com o intuito de conhecer a metodologia adotada pelos professores para o ensino da literatura, as práticas de leitura literária em sala de aula e os critérios utilizados para seleção dos textos machadianos para atividades de leitura e interpretação.

Impresso na tipografia da Viúva Roma:
circulação e produção de impressos em meados do século XIX no nordeste do Brasil

Carolina de Toledo Braga

caroltbraga@gmail.com

Doutoramento em História

Universidade de Coimbra

Este artigo pretende examinar uma parte da trajetória de Umbelina Coelho da Silva, quando ela passou a ser a Viúva Roma, enquanto estava à frente da “Typhografia Imparcial”. Com a morte do marido, a Viúva Roma não só assumiu os negócios do “seu casal”, nos termos da época, uma loja de livros e uma tipografia, como mudou o nome da tipografia para “Tip. da Viúva Roma”. Os marcos cronológicos são os anos de 1848, quando ela enviuvou, e 1853, quando vendeu a tipografia. Essa história aconteceu na província de Pernambuco, no norte do Brasil (atualmente um estado do Nordeste), em plena agitação política advinda da última revolução liberal do Império, a Insurreição Praieira. O periódico de maior destaque da Typ. da Viúva Roma, o Diário Novo, era declaradamente liberal e porta-voz das tropas rebeldes. Esta mulher foi protagonista da Insurreição Praieira com participação política ativa no movimento. Enquanto administradora, proprietária e editora da tipografia imprimiu, editou e fez circular folhas, periódicos e panfletos rebeldes e revolucionários dos rebeldes.

O artigo tem como objetivo analisar a atuação desta mulher frente às atividades de livraria e tipografia, exercícios que se entrelaçavam à época. Para isso, será utilizada a microanálise, ou seja, a partir da vida desta mulher serão levantadas questões sobre a produção, conteúdo e circulação de material impresso no começo das tipografias no Brasil (1821). Baseando-se no inventário do falecido marido da viúva e em impressos da época, em cruzamento com a bibliografia, os dados levantados sugerem que esta mulher estava inserida nos mundos letrado, de negócios, política e trabalho no Brasil oitocentista, e não era exceção entre as mulheres sós, quicá entre as viúvas. Também estavam a exercer as atividades livreiras e de tipografia Rufina Rodrigues da Costa Brito, viúva do conhecido tipógrafo, Paula Brito, no Rio de Janeiro, e Maria Clara Rey, viúva Bertrand, em Portugal. Elas também assumiram o comércio dos maridos mortos, por certo assumindo um papel que as fontes escondiam até a morte deles. A partir da vida desta mulher e da descoberta de outras na mesma situação, minha pesquisa atual busca entender como se desenvolviam as atividades tipográficas e livreiras que tinham mulheres à frente desses “negócios letrados” no século XIX.

A Literatura Africana na imprensa cultural portuguesa (1953 – 1959)

Elizabeth Olegário Bezerra da Silva

elizabeth.olegario@gmail.com

Doutoramento em Estudos Portugueses

(Área de Especialidade: História do Livro e Crítica Textual)

Universidade Nova de Lisboa

Neste artigo apresenta-se o debate em torno da realidade e significado das literaturas africanas, em particular a de expressão portuguesa, que teve lugar nos jornais em Portugal entre 1953 e 1959. Destaca-se o papel de mediação e de amplificação que estes órgãos tiveram, e o modo como dialogaram entre si, muitas vezes de forma conflitual, e também com os próprios livros onde esta literatura era publicada. Ter-se-á em atenção o contexto dos processos de descolonização e afirmação cultural africana, bem como as discussões sobre a natureza e funções da arte.

As antologias como meio de divulgação da poesia de língua portuguesa

Maria do Rosário Monteiro Palmela

mrosariompalmela@gmail.com

Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

Assistimos ao longo do século XX a um crescimento da publicação do formato antológico. Desde o início do século até ao momento, podemos contar cerca de cinquenta antologias da poesia portuguesa do século XX, e cerca de vinte publicadas no estrangeiro, excetuando todas as antologias pessoais e temáticas que escritores, críticos e poetas consagrados decidiram organizar. Sabemos que nenhuma antologia, por mais abrangente que seja, consegue representar a poesia de um país, e, para isso, é necessário haver muitas antologias.

Como se sabe, a antologia é um arquivo, um lugar de memória, uma materialidade que possibilita a memorização, a reimpressão e repetição, dotado, pode dizer-se, de um sentido crítico, pois é uma coletânea que reúne e interpreta, corta e conserva uma súpula de autores e textos.

É neste sentido que ao analisar as antologias mais representativas da poesia do século XX, tentarei apontar alguns caminhos de leitura e de interpretação, poemas recorrentes e o seu significado, bem como os autores, analisando prefácios e posfácios, tendências, refletindo essencialmente sobre a dimensão da poesia reunida nas antologias, ao longo de praticamente cem anos. Será útil pensar as antologias como uma espécie de combate contra a dispersão e esquecimento e passagem irremediável do tempo?

Muitos dos autores destas antologias, senão quase todos já participaram na elaboração de outras coletâneas, revistas literárias, já foram ou ainda são editores, críticos e poetas; todos eles sofreram de um “mal de amor”, de uma paixão ou de um desejo que não os deixa sossegar. Porém, quando reúnem num livro tantos poemas e autores têm sempre o cuidado de chamar a atenção para o facto de que o trabalho que estão a realizar não poder ser considerado assertivo e definitivo, apaz-lhes apenas referir que a compilação é o resultado de escolhas aleatórias ou pensadas, mas sempre passíveis de juízos críticos.

Assim, impõem-se duas questões: a forma simples e específica com que os autores elaboram as antologias demonstra uma leitura despreziosa na figura do autor-leitor que exerce sobre essa seleção a sua autoridade? E, por outro lado, esta seleção e reunião da “melhor poesia” refletirá a escolha de um indivíduo com a finalidade de legitimar os trabalhos representativos de uma dada época?

Grandes Sertões Veredas:
e.vocar, in.vocar, com.vocar monstros

André Feitosa de Sousa

andre_feitosa@msn.com

Doutoramento em Arte Contemporânea

Universidade de Coimbra

Berta Lúcia Neves Ponte

bertaponte@hotmail.com

Doutoramento em Literatura

Universidade de Évora

Em “Genealogia da Ferocidade” (2017), Silviano Santiago formula uma crítica de GSV “Grandes Sertões: Veredas” (J. G. Rosa, 1956), onde classifica aquela obra como “monstro” que desorganiza/desnorteia o ideário da nacionalidade e da literatura regionalista. Segundo Ezra Pound, Rosa é um inventor, conforme os “homens que descobriram um novo processo ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de um processo”. Nas reflexões de Santiago, Rosa obsta: “o caudal de leituras do historiador ou do especialista em prosa e poesia brasileira, atravancando o fluxo histórico. Interrompe o percurso linear e cronológico das obras literárias, que descendem da incontornável carta de Pero Vaz de Caminha, como um rochedo que despenca do alto da montanha, em virtude da erosão causada no terreno pelas chuvas torrenciais, e arrasa de vez com a bitola estreita dos trilhos por onde vinha sacolejando tranquilamente o trenzinho caipira da Literatura Brasileira”. Nessa presente investigação, de inspiração pós-estruturalista (Gilles Deleuze e Felix Guattari, Mil Platôs, 1980/2017), os autores valem-se dos conceitos de rizoma e de intensidade para estabelecer outra legência que faça surgir um “monstro”, portanto, “enculer” ou rabear a obra mesma de Rosa, onde a pista de afecção seja tracejada pelas superfícies aquosas do Rio e do seu personagem Rio-Baldo (de Baldear, de Baldeação, de Trânsito e Travessia entre Margens), como estratégia para dissolver as margens e metragens. Já Santiago, reputa como necessárias outras práticas relacionais que ultrapassem a leitura de Rosa pela dominação epistêmico-colonial: “envolpar a potência selvagem do texto fluvial de Rosa, enroupar a robustez agreste dos personagens e dar tento e direção à ambiguidade linguística, são atitudes performáticas típicas de todo adestrador”. A partir desse contexto, pensamos GSV como torrente, entre a/fluências e com/fluências que distam das demarcações e cronologias na égide dos territórios, levando-nos às movências e deslizamentos no aberto das águas.

***A língua como um problema crítico em Paulo Leminski:
recusa e exaltação***

Keissy Carvelli

keissycarvelli@gmail.com

Doutoramento em Letras (Literatura e Vida Social)

Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho

Historicamente, o problema da língua apresenta-se como um dos pontos de tensão no chamado processo de “formação da Literatura Brasileira” (CANDIDO, 1999). Mais de um século após as conhecidas polêmicas a respeito da língua em que esteve envolvido o romancista José de Alencar e mais de cinquenta anos após o programa modernista de liberdade da linguagem literária, a retomada da língua como um problema crítico e fundamental mostra-se como um eixo investigativo no ensaísmo do poeta Paulo Leminski (1944-1989), expoente da geração pós-68. Tendo isso em vista, a presente proposta tem por objetivo apresentar o lugar de tal questão em *Anseios críticos (anseios teóricos): peripécias de um investigador do sentido no torvelinho das formas e das ideias* (1986) e o modo como a Língua Portuguesa figura como problema crítico no ensaio *3 Línguas* e no poema *Invernáculo* – texto que funciona como espécie de introdução aos ensaios. A partir das análises realizadas, é possível identificar dois posicionamentos críticos principais: o primeiro de recusa ao vernáculo e à Língua Portuguesa de um modo geral promovendo, inclusive, a acusação de sê-la espécie de “exílio do pensamento”; e o segundo de exaltação ao idioma de Camões a partir da dissolução das fronteiras entre língua e linguagem literária. A conclusão, portanto, é a da existência de espécie de movimento dialético de recusa e exaltação da língua cuja função não parece ser apenas retomar tal problema crítico, mas sobretudo colocá-lo novamente em tensão.

O recado do morro:
o pequeno milagre do reconhecimento

Maria Schtine Viana

mariaviana8@uol.com.br

Doutoramento em Estudos Portugueses

Universidade Nova de Lisboa

Em uma estrutura circular onde infância e linguagem parecem remeter uma à outra, pode-se dizer que em *Corpo de baile*, de João Guimarães Rosa, a infância age sobre a linguagem, constituindo-a de maneira peculiar. A presença das personagens Miguilim e Manuelzão, protagonistas das duas primeiras novelas, já evidencia o binômio infância/velhice. Contudo, cabe lembrar que esse aspecto é verificável também tanto no encontro entre o boiadeiro Lélío e a velha Lina, na narrativa *A estória de Lélío e Lina*; como na relação estabelecida entre Grivo e seu patrão, em *Cara-de-Bronze*. Em *Buriti* os jogos de sedução entre Lalinha e Liodoro também remetem ao binômio juventude/velhice e papel relevante tem ainda o menino Joãozezim, um dos mensageiros de *Recado do morro*. Todavia, guardariam esses dípticos elementos que podem contribuir para a compreensão da concepção de linguagem em *Corpo de baile*? Que papel podem ter tais encontros na constituição das narrativas, se se considerar que a infância é a experiência transcendental da diferença entre língua e fala? O objetivo da tese de doutoramento, em fase de escrita, é demonstrar em que medida o movimento da palavra, quando se considera o díptico infância/velhice, é recurso que contribui para a constituição da linguagem, sem desconsiderar a importância das parábases, por meio das quais Rosa embasa seu projeto literário. Portanto, se se pode afirmar que o projeto linguístico de Rosa está próximo da conjugação entre língua morta e a revitalização da linguagem, que paralelos pode-se estabelecer entre infância/velhice, infância/língua, memória/esquecimento no ciclo *Corpo de baile*? Nessa apresentação, tentarei tangenciar tais aspectos na parábase “Recado do Morro”, uma das sete narrativas que analiso nesse projeto de pesquisa em andamento.

***Poéticas algorítmicas:
desafios na construção de uma tese***

Ana Marques

ana.marques.silva@gmail.com

Centro de Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra)

Esta comunicação debruça-se sobre o trabalho que realizei enquanto estudante de doutoramento (Materialidades da Literatura, 2013-17) e os principais desafios que o marcaram. O objecto da tese que daí resultou é a geração automática de textos poéticos. Nela se reflecte acerca da digitalização e automação da linguagem sob o ponto de vista dos estudos literários, procurando aferir de que modo estes processos reconfiguram a textualidade, a autoria e a leitura, problematizando a mediação digital e considerando a situação cultural em que estes fenómenos se inscrevem. A pergunta de investigação a que esta tese se propôs responder é a seguinte: qual a especificidade e o valor literário do texto gerado automaticamente? Esta pergunta ramifica-se em duas questões mais específicas que se interligam: que práticas e teorias permitem caracterizar a geração automática de texto? e de que modo se situa esta textualidade no campo do literário?

Para além da apresentação e da caracterização deste objecto de estudo, pretende-se discutir as metodologias aplicadas para responder aos problemas que a investigação foi colocando. Discutir-se-á ainda os processos de deriva que marcaram a pesquisa, incluindo a aproximação e o afastamento a outros campos disciplinares. Finalmente, pretende-se apresentar as conclusões que resultaram deste trabalho, aferindo o lugar das poéticas algorítmicas no campo do literário, discutindo as suas margens, e o modo como o movimento de erosão e consolidação das mesmas permite nos requestionar alguns dos conceitos centrais dos estudos literários, designadamente ‘texto’, ‘escrita’, ‘autoria’ e ‘leitura’.

***Emergências narrativas:
proposta de uma leitura transmodal em poemas***

Raquel Brandão do Sêro

raqeldoserro@gmail.com

Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

A presente proposta de comunicação parte de uma reflexão transmodal que visa averiguar nos poemas de Cesário Verde, Alberto Caeiro e Manoel de Barros vestígios de narratividade e, dessa forma, operacionalizar o aparato dos Estudos Narrativos na lírica. A escolha desses autores se justifica pela linha condutora que suas respectivas obras apresentam em conjunto, evidenciando um panorama da lírica moderna de língua portuguesa. Nessa trajetória percebemos a originalidade e complexidade da obra de Cesário Verde que, ainda hoje, tem sua poesia sucessivamente remetida para uma posição indefinida, foi só através de outras poéticas, como a de Alberto Caeiro, que pudemos esclarecer o papel crucial da obra cesária para a lírica. Já o heterônimo de Fernando Pessoa é convocado nesse estudo por ser a ponte temporal e estética entre Cesário Verde e Manoel de Barros, uma vez que Caeiro de forma clara e explícita resgata a obra de Cesário e inspira a de Barros. A leitura da obra desses três autores, pelo viés dos Estudos Narrativos pode nos ajudar a verificar até que ponto existe uma relação dialética entre o modo narrativo e o realismo – como representação do real – uma vez que é através dessa contaminação modal que a lírica se torna capaz de nos contar uma história: a história da obra de arte como autoconsciência humana que permite ao poeta olhar o seu tempo através de seu objeto de criação. Nesse processo reflexivo do real o leitor atualiza o poema no ato da leitura e também pode ver, na tessitura dos versos, a sua própria historicidade circunstancial. Nessa abordagem o leitor pode superar o encantamento estético provocado pelo ritmo e metáforas do poema e adentrar em suas dimensões éticas – que em nada perdem em eficácia estética e representativa, das de um romance.

A ironia como força motriz do pensamento na poética de Luís Quintais

Maísa Andrade

maisampa@gmail.com

Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa

Universidade de Coimbra

A presente proposta tem como principal objetivo apresentar algumas das reflexões tecidas no âmbito da investigação de doutoramento intitulada “Dançando sobre o abismo: um estudo da lírica meditativa de Luís Quintais”. O mencionado trabalho doutoral desenvolve-se em torno da premissa de que a poesia de Luís Quintais possui uma natureza altamente reflexiva. Investiga-se de que maneira poesia e pensamento se coadunam nos versos do poeta e qual a importância da meditação lírica para a construção do sentido de sua produção poética. Com o desenrolar da investigação tem-se confirmado que a reflexão na obra de Quintais se subdivide em três vertentes: a imaginação criativa, a memória e a crítica. O aporte teórico utilizado tem se baseado, predominantemente, nas teorias do primeiro Romantismo Alemão e da Escola de Frankfurt. A partir das leituras teóricas e da análise do *corpus*, este constituído por poemas selecionados dentro dos livros publicados pelo poeta até então, passou-se a questionar o que poderia ser considerado não só como o elemento capaz de realizar o amálgama das vertentes do pensamento acima mencionadas, mas também de agir como a força motriz do mesmo, em direção à metamorfose do real. Diante desse cenário, observa-se que é a ironia que desempenha essa função na poética de Luís Quintais, propondo-se, portanto, a comunicação ora em questão a tratar dessa temática.

Comissão científica:

Doris Wieser e Paulo Pereira

Comissão organizadora:

Ana T. Rocha, Daniel Cruz Fernandes, Eduardo Nunes e Maísa Andrade